

O BRANCO AFEMINADO E O NEGRO VIRIL:
GÊNERO E RAÇA EM *BOM CRIOULO*, DE ADOLFO
CAMINHA

THE EFFEMINATE WHITE MAN AND THE
VIRILE BLACK MAN: GENDER AND RACE IN *BOM
CRIOULO*, BY ADOLFO CAMINHA

CARLOS GABRIEL SILVA SOUSA¹

JOSÉ MARIA VIEIRA DE ANDRADE²

Resumo: Este trabalho é uma análise histórica do livro *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, publicado em 1895. O objetivo do estudo é, explorando a intercalação entre história e literatura, analisar as representações de gênero e raça presentes no livro, especialmente os aspectos existentes sobre a questão homossexual masculina elaborados no romance. No decorrer da análise, atestamos que o romance *Bom Crioulo* não apenas foi pioneiro em tratar da questão da homossexualidade interracial na literatura brasileira, como se constitui como um pretexto significativo para entendermos melhor alguns dilemas sobre a moral sexual da sociedade brasileira no final do século XIX, e de como isso se relaciona com a mentalidade racista presente nos meios intelectuais dos quais Caminha fazia parte. Sua ficção, ao dar protagonismo aos dilemas de um negro ex-escravizado, denunciando mazelas e injustiças, faz isso sob o filtro do olhar de um homem branco, assumidamente heterossexual e privilegiado, que parece ainda profundamente preso a preconceitos arraigados na sociedade.

Palavras-chave: Homossexualidade, Questão Racial, Literatura.

Abstract: This work is a historical analysis of the book *Bom Crioulo*, by Adolfo Caminha, published in 1895. The objective of the study is, exploring the interspersation between history and literature, to analyze the representations of gender and race present in the book, especially

¹ Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal do Piauí – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da cidade de Picos do Piauí. Pós-graduado em Inclusão Social e Educacional da População LGBTQIA+, pela Unyleya. E-mail: carlosgsshist@gmail.com.

² Doutor em História pela UFC e professor efetivo da UFPI. E-mail: zemarvi@edu.ufpi.br.

the existing aspects on the male homosexual issue elaborated in the novel. In the course of the analysis, we attest that the novel *Bom Crioulo* was not only a pioneer in dealing with the issue of interracial homosexuality in Brazilian literature, as it constitutes a significant pretext for us to better understand some dilemmas about the sexual morality of Brazilian society at the end of the nineteenth century, and how this relates to the racist mentality present in the intellectual circles of which Caminha was a part. His fiction, by giving prominence to the dilemmas of a former enslaved black man, denouncing ills and injustices, does so under the filter of the gaze of a white man, admittedly heterosexual and privileged, who still seems deeply attached to prejudices rooted in society.

Keywords: Homosexuality; Racial Issues; Literature.

Introdução

A intersecção entre história e literatura constitui um campo de pesquisa bastante enriquecedor para compreensão do passado e do presente. Na zona de fronteira entre as duas áreas do saber, é possível capturar uma visão holística da condição humana e da sociedade, em diferentes temporalidades. No que diz respeito à sociedade brasileira do final do século XIX, o romance *Bom Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, parece ser uma das obras mais paradigmáticas para exercitar o potencial que a literatura traz para o universo da pesquisa histórica. O livro foi um dos primeiros romances brasileiros a abordar a temática da homossexualidade de forma aberta e sem tabus. Na narrativa, Caminha problematiza também aspectos importantes das tensões raciais da sociedade do período, ao refletir sobre a marginalização dos negros no contexto pós-Abolição.

De olho nessas premissas, neste artigo, analisaremos alguns aspectos presentes no romance com o intuito de entender melhor a condição paradigmática que o livro ocupa no universo da nossa produção literária. O objetivo do estudo é analisar as representações de gênero e raça presentes no livro, procurando entender como a ficção de Caminha problematiza os estereótipos da mulher, do homem negro e da questão homossexual. Uma reflexão que permite descortinar melhor alguns aspectos importantes dos padrões morais e do imaginário social vivenciado no Brasil no final do século XIX, especialmente no que diz respeito à noção de masculinidade.

O romance de Adolfo Caminha narra a história de um conflito amoroso vivido por um marinheiro negro chamado *Amaro*, que trabalha em um navio mercante. A trama se desenvolve em torno de sua vida e de suas experiências, com foco em seu envolvimento amoroso e em sua busca por amor e aceitação. No texto de Caminha, *Amaro* é descrito como um homem forte e atraente, mas que enfrenta preconceitos e discriminação devido à sua cor. Na narrativa, ele se envolve com um jovem marinheiro branco, chamado *Aleixo*. A relação entre os dois se torna um amor intenso, mas também complicado, à medida que enfrentam os desafios impostos pela sociedade, que não aceita a união homossexual, principalmente entre um homem negro e um homem branco.

À medida que a história avança, *Amaro* se vê em um conflito interno, dividido entre seu amor por *Aleixo* e a pressão social sobre os dois. A narrativa descreve uma série de eventos trágicos que revelam a fragilidade da relação entre os dois personagens, além das tensões que a sociedade impõe sobre eles, que atravessam tanto o convívio dos amantes a bordo, quanto os episódios sucedidos fora do navio, resultando em um desfecho fatídico. Desfecho trágico que se dá logo após *Aleixo* se envolver sexual e romanticamente com uma mulher chamada *Dona Carolina*, uma portuguesa que havia alugado a morada para *Amaro* e *Aleixo*. A trama finaliza com a morte de *Aleixo* pelas mãos de *Amaro* após este ficar sabendo do envolvimento amoroso do jovem grumete com *Carolina*.

Para analisar a trama ficcional descrita acima, partimos da perspectiva de que o texto literário, enquanto representação, constitui um universo complexo e multifacetado de narrativas e de imagens para entender e interpretar o mundo ao redor e seu impacto nas relações sociais e na construção de identidades. Ao operar com essa forma de abordagem, a tarefa do historiador consiste em tentar decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas “formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo”.³

Um aspecto que traduz esse universo multifacetado surge logo na escolha do título do romance: *Bom Crioulo*. Trata-se de um título que, para os tempos atuais, pode soar bastante controverso, mas, em seu contexto original, aparentemente, apenas remetia à forma como o

³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3 ed. [s.l.]: Autêntica editora, 2013. Disponível em: <https://a.co/d/5d4XQlc>. Acesso em: 22 out. 2023. p. 35.

personagem *Amaro*, um ex-escravizado, era chamado pelas pessoas ao seu redor. Conforme a narrativa do livro, o apelido devia-se à índole e ao comportamento de *Amaro*, retratado no romance como um indivíduo negro que nunca “merecera a pena de um castigo disciplinar”, pois “seu caráter era tão meigo que os próprios oficiais começaram a tratá-lo por Bom Crioulo”.⁴

Fica evidente que, para a análise histórica de uma obra literária dessa natureza, é imprescindível revisitar também alguns aspectos biográficos e contextuais, envolvendo as questões de ordem social e política próprias ao momento em que o texto foi escrito e publicado. Conforme os estudos sobre representações literárias têm ressaltado, os aspectos biográficos e contextuais do autor são fundamentais para a compreensão mais profunda e crítica dessa obra literária. Embora a interpretação literária possa (e deva) ir além da vida do autor, a compreensão histórica da literatura deve partir do pressuposto de que biografia e contexto social do autor são ferramentas de leitura que ampliam o horizonte de sentido do texto. É o caso da obra aqui discutida, a partir da análise das representações de gênero e raça expostas, conforme pretendemos detalhar melhor nos tópicos a seguir.

Adolfo Caminha: vivência literária e panorama sociopolítico no final do século XIX

A trajetória biográfica de Adolfo Caminha guarda relação profunda com as representações de gênero e raça presentes no romance *Bom Crioulo*, especialmente no que diz respeito ao seu contexto de vida, aos deslocamentos sociais que a temática do livro envolveu e à recepção da obra na época. Em outras palavras, Caminha, na condição de indivíduo profundamente inserido nos debates e tensões do final do século XIX, em plena transição do Império para a República, possui elementos importantes em seu percurso biográfico que transparecem fortemente em sua escrita literária.

Adolfo Ferreira Caminha nasceu em 1867 na cidade de Aracati do Ceará. Fez parte de uma família composta por mais cinco irmãos e, com apenas dez anos, ficou órfão. Logo em seguida, foi levado para viver com seu tio em Fortaleza, onde morou até 1883. De acordo com

⁴ CAMINHA, Adolfo. *Bom Crioulo*. São Paulo: Todavia, 2019. p.38.

os biógrafos do autor, teria sido no decorrer desse período que Caminha despertou seu interesse pela literatura.

No mesmo ano de 1883, o escritor se transferiu para o Rio de Janeiro e se matriculou em uma Escola Naval. Na marinha, Adolfo Caminha viajou por vários lugares e vivenciou experiências que foram tomadas como pretextos para seus primeiros livros. Exemplo disso parece ter sido a viagem feita para os Estados Unidos, em 1886, a qual teria servido de incentivo para a escrita do romance *No país dos ianques*, lançado oito anos depois.⁵ O mesmo se passa em parte com o livro *Bom Crioulo*, conforme evidencia a síntese da narrativa ficcional descrita na introdução.

O livro foi publicado em 1895 quando Caminha estava com 27 anos de idade. De acordo com James N. Green, na época, o autor talvez não imaginasse que a sua obra se tornaria um marco literário e histórico.⁶ Quando foi lançado, o livro recebeu diversas críticas por parte do público. Aquelas que mais incomodaram Caminha foram as dos críticos literários Valentim Magalhães e Cláudio de Souza, que classificaram a temática da obra como “pornográfica”.⁷ Esse tipo de acusação era recorrente no final do século XIX e envolvia a opinião de editores, críticos e leitores.⁸

Entre as críticas, destaca-se a publicada no jornal *A Notícia*, entre as datas 20 e 21 de novembro de 1895, na coluna *Semana Literaria*. Na resenha, A. M. Guimarães faz uma longa e severa reprovação do livro, afirmando que estaria carregada do “mais grosseiramente imundo”, que se trataria de um livro “asqueroso” e o primeiro no ramo da “pornografia” a tratar da relação entre dois homens. Em sua avaliação, o crítico diria, ainda, tratar-se de um “livro podre; é o romance-vomito, o romance-poia, o romance-pús”.⁹

⁵ GREEN, James N. Introdução. In: CAMINHA, Adolfo. **Bom Crioulo**. 1 ed., São Paulo: Todavia, 2019. p. 7-20.

⁶ Essa é uma afirmação de um de seus biógrafos, James N. Green. Pode-se entender o porquê desse pessimismo visto o contexto em que o autor se encontrava. Hoje não é surpresa nenhuma considerar a obra *Bom Crioulo* como uma obra marcante historicamente, mas, em uma época em que a moral sexual ditava tais comportamentos como imorais, é compreensível a insegurança do autor quanto à longevidade de sua obra.

⁷ *Op. cit.*

⁸ FARIA, Maraísa. A passos macios e cautelosos, as mãos enluvasadas: a primeira recepção de Bom-Crioulo (1895), de Adolfo Caminha. **Soletras**, [Rio de Janeiro], n. 30, p. 72-89, jul.-dez. de 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/soletras.2015.19166>. Acesso em: 30 jun. 2024. p. 80.

⁹ GUIMARÃES, A. M. Semana Literaria. **A Notícia**, Rio de Janeiro, 20/21 de nov. de [1895]. Ano. II, N. 293, p. 2. em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=830380&pagfis=899>. Acesso em: 30 jun. 2024.

Na análise dessas questões contextuais, é importante pontuar que, no fim do século XIX, o comércio de livros enxergava uma obra naturalista como um “livro para homens”. O rótulo servia para caracterizar as obras e seu público-alvo como apreciadores de uma temática que “agredia a decência”. Entre a recomendação e a interdição implícita, a tarja também era entendida, de modo jocoso, como um indicativo de obra atrativa para ambos os sexos. Em certa medida, essas polêmicas também serviam como uma propaganda que ajudava a despertar o interesse dos leitores por temas “controversos”. Entre esses leitores, estava o próprio público feminino. Mesmo em um contexto moral que pregava que as mulheres deveriam manter distância desses temas “perversos”, existiam aquelas que se aventuravam consumindo esse tipo de literatura, graças à “propaganda” ou por pura curiosidade.¹⁰

Curiosamente, um dos pretextos adotados pelos autores naturalistas era que suas histórias serviam como instrumento pedagógico de luta contra costumes “imorais”. Afinal, era necessário conhecer o “mal” para saber como tratá-lo, como uma forma pedagógica de disciplinar a imaginação e sexualidade dos indivíduos. Este parece ter sido o caso dos enredos literários que punem com a morte personagens femininas adúlteras, como é o caso de *O Primo Basílio* (1878), do escritor Eça de Queirós, ou ainda *O Aborto* (1889) de Figueiredo Pimentel, com uma trágica história que serviria para ensinar os leitores sobre os riscos do sexo e gravidez precoce.¹¹

Nesse contexto, pode-se entender que, em *Bom Crioulo*, existe uma medida disciplinar moralizadora, pois o romance buscava “denunciar – jamais incentivar –, por meio da observação e do estudo, os hábitos corrompidos da sociedade”.¹²

Observando a literatura brasileira do século XIX e XX, é possível notar a grande quantidade de textos elaborados com base em uma visão masculinizada do mundo.¹³ É o caso

¹⁰ MENDES, Leonardo. O naturalismo na livreria do século XIX. *Revista Letras*, Curitiba, n. 100, p. 71-90, jul.-dez. de 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/68846>. Acesso em: 27 set. 2024. p. 75-76.

¹¹ *Op. cit.*

¹² *Op. cit.*

¹³ CASTRO, Mably Lopes de. Um breve Histórico da literatura homoerótica no Brasil. In: XII JOGO DO LIVRO E II SEMINÁRIO INTERNACIONAL LATINO-AMERICANO. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. [Minas Gerais]: Palavras em deriva, 08, 09, 10 de nov. de 2017. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/files/uploads/xii%20jogo%20do%20livro/ANAIS%20parte%201/UM%20BREV%20HIST%C3%93RICO%20DA%20LITERATURA%20HOMOER%C3%93TICA%20NO%20BRASIL.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2023.

do romance *Bom Crioulo*, escrito a partir da visão de Adolfo Caminha, um homem branco — presumidamente heterossexual e com um poder monetário suficiente para ter acesso à escrita e à leitura ainda jovem.

Foi nessa atmosfera que o escritor elaborou sua representação sobre a homossexualidade, inter cruzando a questões de gênero com a de raça. Em nossa análise, é esta atmosfera que recobre o olhar do autor acerca dos personagens *Amaro* e *Aleixo*, criações ficcionais do que seria um homem homossexual, tecidas pelas concepções individuais do autor e pelos valores e costumes da sociedade do século XIX.

Ao refletir sobre o papel da literatura, esses documentos de cultura evidenciam como a sociedade fabrica suas próprias representações. São imagens que tornam algo reconhecível pelas pessoas, misturando, de modo fluido e sutil, o viver e o imaginar. Como fontes formadoras de práticas sociais e condutas, dotadas de força integradora e coesiva, as representações literárias induzem indivíduos e grupos a construir certo sentido do mundo. Nessa perspectiva, a representação literária não é o reflexo exato da realidade, trata-se, na verdade, de uma construção a partir do objeto real. Essas construções estão carregadas de sentidos ocultos construídos socialmente, adentrando o inconsciente coletivo.¹⁴

Desse modo, ao tratar das representações da homossexualidade no livro em apreço, devemos nos indagar tanto sobre como as personagens criadas por Caminha nos ajudam a entender melhor os dilemas culturais da sociedade da época, quanto sobre qual o sentido de mundo Adolfo Caminha elaborou em sua literatura. Para tanto, a nossa análise se voltará, prioritariamente, a partir de agora, para as questões de gênero e raça que recobrem as representações dos personagens principais: *Aleixo*, como o branco *afeminado*, e de *Amaro*, como o negro *viril*.

Aleixo, o homem branco afeminado

Assim como os aspectos de ordem biográfica e contextual são de grande importância para a leitura histórica de uma obra literária, isso também acontece com os elementos do

¹⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3 ed. [s.l.]: Autêntica editora, 2013. Disponível em: <https://a.co/d/5d4XQlc>. Acesso em: 22 out. 2023. p. 32-34.

enredo da obra e com os demais elementos ficcionais presentes na narrativa, pois são esses elementos que constroem o universo simbólico e estético da obra. Eles não são apenas “decoração”, mas o modo pelo qual o mundo é representado, questionado ou reinventado pela literatura.

De acordo com Sandra Jatahy Pesavento, é em torno desse aspecto da literatura que podemos entender, de modo mais específico, a relação entre representação e imaginário. Este último diz respeito ao sistema de ideias e imagens de representações coletivas que as pessoas, em uma sociedade, produzem para si mesmas, com o objetivo de dar sentido ao mundo. O imaginário contém mitos, conceitos, crenças, valores e ideologias, é formador de identidades e exclusões, divide, hierarquiza, mostra diferenças e semelhanças na sociedade, tornando-se um saber-fazer que orienta o mundo, criando a união ou o conflito.¹⁵

Na análise das representações da homossexualidade presente em *Bom Crioulo*, observamos que Caminha, vivendo em uma sociedade marcada pela repressão moral, ao mesmo tempo em que lança um olhar **transgressor** sobre as normas de gênero e sexualidade, parece ainda estar, paradoxalmente, preso ao apelo prescritivo e moralizador do período, conforme nos mostram certos aspectos do romance relacionados a questões de raça e gênero na narrativa. Este parece ser o caso envolvendo as representações da masculinidade dos personagens protagonistas do romance: *Amaro* e *Aleixo*.

De acordo com os estudos sobre gênero e sociedade, no final do século XIX e início do século XX, por conta de crenças e ideologias raciais, acreditava-se que a homossexualidade estava associada ao homem negro¹⁶¹⁷ porém, de modo preliminar, observamos que o livro *Bom Crioulo* problematiza essa questão de modo bastante singular. O romance, embora traga o homem negro como homossexual, faz isso com um diferencial ao

¹⁵ *Op. cit.* p. 36.

¹⁶ Não apenas isso, mas todo conceito de degeneração social era atribuído ao corpo negro ou “mestiço”. Por acreditar que o declínio moral, intelectual e físico era causado por conta dos negros e/ou da “miscigenação” social no Brasil, essa ideologia foi construída, pois se acreditava que a tuberculose e sífilis tinham origem no continente africano, outra justificativa era que o “atraso” no desenvolvimento da civilização brasileira era decorrência da “miscigenação” (Campos; Angeli, 2020, p. 113).

¹⁷ CAMPOS, Samanta Rodrigues de; ANGELI, Gustavo. A “Boa” sexualidade em Bom-Crioulo: considerações psicanalíticas sobre a intersecção raça e gênero. **Revista Científica Sophia**, Balneário Camboriú (SC), v. X[10?], n. 1, p. 229-238, dez. 2020. Disponível em: <https://ojs.avantis.edu.br/index.php/sophia/article/view/33/16>. Acesso em: 14 nov. 2024. p. 113.

relacionar *Aleixo*, um jovem branco, não apenas como um indivíduo ligado a esse tipo de comportamento, como também aquele que possui traços mais “afeminados”.

Em outras palavras, enquanto *Amaro* é ficcionalmente representado como o modelo de homem *viril*, forte e másculo, *Aleixo* possui traços mais femininos e de passividade, mesmo sendo um homem branco. Com isso, Caminha, em certa medida, vai questionar a crença de “superioridade racial”, que preconiza que o corpo branco exerce um espelho de moralidade e masculinidade, enquanto o corpo negro estaria mais sujeito à “degradação” moral, sexual e física.

Ao analisar a obra de Adolfo Caminha, percebe-se uma inversão desse imaginário racial predominante no seu período. O personagem *Aleixo*, como homem branco, é o que “provoca” os desejos homossexuais de *Amaro*, além de possuir uma relação com o que é dito como feminilidade, presentes desde seus traços físicos até os papéis de dependente e submisso nos relacionamentos que vivencia na narrativa. Já o personagem *Amaro* assume os papéis atribuídos ao masculino, com seus traços viris de provedor e protetor em sua relação com *Aleixo*.

Outro ponto importante a ser observado é que a representação da relação entre *Amaro* e *Aleixo* é pensada a partir da sua similaridade com as relações heterossexuais socialmente aprovadas.¹⁸ Dessa maneira, enquanto *Amaro* é o indivíduo que ama, *Aleixo* limita-se a um mero objeto de desejo buscado por *Amaro*, constantemente representado como um personagem feminino, inocente e infantil. No texto de Caminha, esse relacionamento só é possível porque *Aleixo* é “reduzido” à função de “mulher” na relação.¹⁹

Assim, colocado na posição de “mulher” da relação, com seu “arzinho ingênuo de menino obediente”,²⁰ o personagem *Aleixo* constitui a representação de um indivíduo

¹⁸ No caso *Amaro* assume o papel de “homem” na relação, pois possui todas as características da masculinidade atribuídas ao masculino. E *Aleixo*, por sua vez, é colocado no papel de “mulher” da relação, por ter características associadas ao feminino. Com isso, a união dos dois marinheiros segue a linha de como seria uma relação de acordo com a heterossexualidade, em que o masculino, no caso *Amaro*, só poderia se relacionar com o feminino, representado por *Aleixo*.

¹⁹ ALÓS, Anselmo Peres. **Leituras a contrapelo da narrativa brasileira**: redes intertextuais de gênero, raça e sexualidade. Santa Maria: PPGL-Editores; [Brasília]: CNPq, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/19095/Leituras%20a%20contrapelo%20da%20narrativa%20brasileira%20redes%20intertextuais%20de%20g%C3%A9nero%20ra%C3%A7a%20e%20sexualidade?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 nov. 2023. p. 142.

²⁰ CAMINHA, Adolfo. **Bom Crioulo**. São Paulo: Todavia, 2019. p. 44.

destinado à esfera privada, que, para se locomover nos limites dessa condição, precisaria sempre da companhia de figuras masculinas, seja *Amaro*, seja a própria *Dona Carolina*, a mulher masculinizada.

Na narrativa, o personagem *Aleixo* é caracterizado como um homem desprovido de sua “masculinidade”, dependente e submisso. Observando essa condição do personagem:

Ao se lhe tirar a masculinidade, se lhe tira também a atuação na esfera pública. Tal hipótese é confirmada no momento da narrativa em que Amaro e Aleixo alugam um quarto na pensão da portuguesa Carolina, situada nos arredores do Corcovado, no Rio de Janeiro. É nesse momento que a casa, o lugar da privacidade, emerge como domínio espacial legítimo para a expressão do desejo tanto para Aleixo quanto para a própria Carolina. É no espaço da intimidade que esses dois protagonistas podem agir, enquanto o espaço público está declinado no masculino. O navio, espaço dos homens do mar e metonímia do espaço público em geral, é ameaçador para os personagens na situação de objetos-afetivos: é por isso que Aleixo necessita da proteção de Amaro: não lhe é dada a mesma legitimidade que aos outros marinheiros para habitar e transitar no espaço público, visto que, socialmente, Aleixo está identificado com o espaço privado, isto é, o espaço da feminilidade e da passividade social.²¹

Além disso, o personagem *Aleixo* é tratado como apenas um objeto para saciar os desejos de *Amaro* e *Dona Carolina*. Tal afirmação pode ser vista pela forma como os dois se atraem pela feminilidade do grumete, pela fragilidade e virilidade não desenvolvida.²²

Observamos que, no imaginário intelectual do qual o autor fazia parte, a situação do indivíduo homossexual afeminado se assemelha à forma como a mulher era vista pela sociedade, sobretudo no que diz respeito à maneira como ambos deveriam se portar nos ambientes públicos e privados.

os homens tendem a estabelecer uma lógica dualista para a condução de suas relações, posicionando-se a favor ou contra o que foi estabelecido para seus papéis sociais. Mesmo a rebeldia e o sentido de transformação apresentado pelos grupos de homossexuais estão carregados de valores conservadores que reforçam no extremo oposto aqueles defendidos pelos heterossexuais.²³

²¹ ALÓS, Anselmo Peres. **Leituras a contrapelo da narrativa brasileira: redes intertextuais de gênero, raça e sexualidade**. Santa Maria: PPGL-Editores; [Brasília]: CNPq, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/19095/Leituras%20a%20contrapelo%20da%20narrativa%20brasileira%20redes%20intertextuais%20de%20g%C3%AAnero%20ra%C3%A7a%20e%20sexualidade?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 nov. 2023. p. 142.

²² *Op. cit.* p. 143.

²³ NOLASCO, Sócrates Alvares. A intimidade masculina. In: _____. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. Cap. V, p. 98-128. Disponível em:

Ao longo do romance, o personagem *Aleixo*, após ficar longe de *Amaro*, passa a se relacionar com *Dona Carolina*. Ele deixa o seu antigo amor homossexual para trás e esconde seus sentimentos por meio de uma relação heterossexual. Na narrativa, o novo casal chega a desdenhar e condenar *Amaro*: “Falaram em Bom Crioulo e riram à custa do negro, baixinho, à socapa. — Boa criatura! Sentenciou a portuguesa com um quê de ironia. — Para o fogo! Acrescentou Aleixo”.²⁴

Ao refletir sobre esse tipo de mudança de comportamento na sociedade retratado pela trama do romance, Sergio Gomes da Silva ressalta que:

Sob a ameaça de uma feminilidade inerente a alguns homens, decorrente do medo de tornarem-se homossexuais, e diante da obrigatoriedade de pôr a prova o seu sexo forte, os homens tiveram que cultivar mais do que nunca a sua masculinidade e a sua virilidade, caracterizando também a primeira crise da identidade masculina.²⁵

Em consonância com a análise descrita por Silva, Caminha reflete em sua narrativa sobre a questão da identidade masculina na sociedade da época, revivendo situações e possibilidades de como um indivíduo masculino homossexual deveria agir para fugir de seu “passado”. No romance, para o homem *afeminado*, restava como alternativa adotar posicionamentos, falas e características que remetessem à masculinidade padrão. Para se distanciar da feminilidade, é preciso construir diversos traços e papéis que teriam o significado de masculinidade, tudo para se ter uma diferença “incontestável” da feminilidade e da homossexualidade.²⁶

Outro ponto envolvendo a construção do personagem *Aleixo* – e de grande importância para a compreensão do olhar paradoxal de Caminha acerca da questão de gênero – é o próprio desfecho do livro. O romance termina com a morte do personagem *Aleixo*. Aqui o olhar moralizador presente na narrativa se materializa de modo bem explícito. Ao optar por esse desfecho para a trama amorosa de *Aleixo e Amaro*, Caminha deixa transparecer, em certa medida, a crença na ideia de que:

<https://pdfcoffee.com/o-mito-da-masculinidade-socrates-nolasco-4-pdf-free.html>. Acesso em: 1 fev. 2025. p. 121.

²⁴ CAMINHA, Adolfo. **Bom Crioulo**. São Paulo: Todavia, 2019. p.111.

²⁵ SILVA, Sergio Gomes da. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. **Psicologia: Ciência E Profissão**, v. 20, n. 3, set. 2000, p. 8–15. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932000000300003>. Acesso em: 1 out. 2024.

²⁶ *Op. cit.*

Homens e mulheres deveriam restringir-se ao seu papel social de acordo com a sua identidade biológica, de macho e fêmea, e por conseguinte, sua escolha afetiva e sexual deveria voltar-se para o sexo oposto ao seu. A norma desviante era totalmente repelida e punida.²⁷

Enfim, Caminha nos diz que, ao se portar como um indivíduo que não segue o seu papel social de másculo e *viril*, *Aleixo* coloca um alvo em suas costas. Sendo assim, no texto, o grumete é morto tanto pelo ciúme do personagem *Amaro*, quanto pelo olhar moralizador da literatura naturalista. Nessa ideia, a morte de *Aleixo* era uma maneira de homens como Caminha alertarem os leitores, principalmente do sexo masculino, de que inadequações como ter traços e hábitos femininos acarretariam severas punições.

No olhar do autor do romance, os indivíduos sujeitos a tal comportamento, sobretudo quando são, ao mesmo tempo, homossexuais e *afeminados*, personificam a imagem oposta do que é esperado do modelo de masculinidade. No texto de Caminha, independentemente de as personagens se relacionarem com outras do sexo masculino ou feminino, o que se torna determinante na condição da homossexualidade é a situação de “submissão” ao seu parceiro. Uma condição desviante que produz consequências devastadoras, a ponto de chegar a ser punido com a morte, a exemplo do que acontece com *Aleixo* na reta final do livro.

Amaro, o negro viril

No caso do personagem *Amaro*, além do ambíguo olhar transgressor e moralizador em torno da questão da sexualidade masculina feita por Caminha, aqui podemos observar também a forma paradoxal como o autor encara a questão racial em sua narrativa literária.

No romance, *Amaro* é um homem negro e ex-escravizado, descrito no texto como um homem forte, *viril* e másculo, que assume o papel de ativo na sua relação com *Aleixo*. Temos aí uma amostra desse conjunto de caracteres garantidores da maior parte da singularidade do romance em apreço, em função da forma como a questão racial e de gênero é tratada.

No Brasil, assim como em outros países latinos, a valorização do ser masculino segue um padrão bem delimitado, diferentemente do que podemos observar na cultura *gay*

²⁷ *Op. cit.*

americana: “a construção da identidade brasileira enquanto estruturas de gênero limita-se em Homem/mulher, macho/fêmea, fortes/fracos, ativos/passivos”.²⁸

Em nossa análise, é essa perspectiva que nos ajuda a compreender alguns aspectos importantes da forma como as questões de raça e de gênero se cruzam no olhar de Caminha. Na narrativa, *Amaro* assume o papel de ativo da relação com *Aleixo*, sendo o portador das características de masculinidade e força. Essa caracterização se torna mais complexa, quando se alinha aos elementos de ordem racial que compõem o personagem, especialmente sua condição social de ex-escravizado.

Sob o olhar de Adolfo Caminha, *Amaro*, em dado momento da narrativa, reflete sobre a sua condição de escravizado fugido. Ao pensar sobre isso, o personagem afirma que a disciplina militar, independentemente do quão cruel fosse, não era pior do que o penoso trabalho de fazenda, seguindo as regras do tronco e do chicote. Ainda na comparação, *Amaro* detalha que, na Marinha, tinha acesso à sua própria cama, travesseiro, roupa limpa e comida com fartura. Destaca assim o fato de não ter algo melhor do que a liberdade e de que, na Marinha Brasileira, os serviços e folgas eram divididas da mesma forma, “sem diferenciação pela raça”.²⁹

Fazendo uma analogia entre as possibilidades colocadas diante de *Amaro*, como fugir da fazenda onde trabalhava e adentrar no ambiente da Marinha, com situações que ocorriam no âmbito da sociedade em que o autor viveu de fato, observamos que esse tipo de situação não era algo tão raro de acontecer. Como bem pontua parte da historiografia que trata da questão, quando os escravizados conseguiam um cargo como marinheiro, havia a possibilidade de serem encaminhados para qualquer território marítimo do Brasil, ou então para territórios estrangeiros, dificultando que o seu antigo “dono” o encontrasse e que fosse “devolvido” à fazenda ou ao senhoril.³⁰

²⁸ CASTRO, Mably Lopes de. Um breve Histórico da literatura homoerótica no Brasil. In: **XII Jogo do Livro e II Seminário Internacional Latino-Americano**. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. [Minas Gerais]: Palavras em deriva, 08, 09, 10 de nov. de 2017. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/files/uploads/xii%20jogo%20do%20livro/ANAIS%20parte%201/UM%20BREV%20HIST%20C3%93RICO%20DA%20LITERATURA%20HOMOER%20C3%93TICA%20NO%20BRASIL.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2023. p. 10.

²⁹ CAMINHA, Adolfo. **Bom Crioulo**. São Paulo: Todavia, 2019. p. 111.

³⁰ LIMA, Vinicius Barbosa. Assim na terra como no mar: as relações raciais ilustradas no Bom Crioulo de Adolfo Caminha (1895). **Temporalidades – Revista de História**, [Belo Horizonte], ed. 31, v. 11, n. 3, p.

Esses pontos da narrativa evidenciam ainda mais o olhar “abolicionista” de Adolfo Caminha, especialmente na analogia feita entre as condições de vida de um escravizado dentro e fora da Marinha. No contexto de pós-abolição em que o livro foi escrito e publicado, a fala do autor deixa transparecer sua preocupação com a condição dos negros no Brasil republicano do final do século XIX, porém, assim como acontece com a questão da homossexualidade, é um olhar ainda carregado de ambiguidades.

Ao mesmo tempo que o livro problematiza, por meio da ficção, episódios históricos como a Revolta da Chibata,³¹ a escrita de Caminha suaviza os problemas vivenciados pelos negros na Marinha. Conforme indicam estudos sobre a questão, os marinheiros negros passavam por uma série de dificuldades não exploradas pela ficção de Caminha, que idealiza a vida dos marinheiros a bordo de um navio como satisfatória e transcorrendo em um local acolhedor, para um homem negro.

A disciplina militar, com todos os seus excessos, não se comparava ao penoso trabalho da fazenda, ao regime terrível do tronco e do chicote. Havia muita diferença... Ali ao menos, na fortaleza, ele tinha sua maca, seu travesseiro, sua roupa limpa, e comia bem, a faltar, como qualquer pessoa, hoje boa carne cozida, amanhã succulenta feijoadada, e, às sextas-feiras, um bacalhauzinho com pimenta e “sangue de Cristo”... Para que vida melhor? Depois, a liberdade, minha gente, só a liberdade valia por tudo! Ali não se olhava a cor ou a raça do marinheiro: todos eram iguais, tinham as mesmas regalias — o mesmo serviço, a mesma folga.³²

Desse modo, se observamos, em alguns pontos do romance, a presença de um olhar que demonstra simpatia com a causa da população negra e liberta, em outras situações presentes na narrativa, Caminha se mostra ainda preso a preconceitos que a sociedade do final dos oitocentos preservou e nutria em relações aos negros. Preconceitos que se materializaram nos escritos de outros nomes importantes do cenário literário do período. Nas palavras de Filho:

255-271, set-dez de 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/14857>. Acesso em: 29 set. 2024, p. 265.

³¹ As dificuldades de ser um negro na Marinha brasileira podem ser exemplificadas pelo episódio histórico da Revolta da Chibata, que ocorreu anos depois. Esse movimento, liderado por marinheiros negros, exigia uma melhora das condições de trabalho na Marinha, assim como o fim dos castigos corporais como forma de disciplina. Entre suas falas e clamores de “Viva a Liberdade” e “Abaixo a Chibata”, esses cidadãos afirmavam serem tratados como escravos dos oficiais da Marinha (Nascimento, 2016, p. 154). “No caso brasileiro era muito difícil dissociar essas punições físicas em marinheiros negros daquelas praticadas legalmente em trabalhadores cativos do último país das Américas a abolir juridicamente esse tipo de disciplinamento” (Nascimento, 2016, p. 154).

³² CAMINHA, Adolfo. **Bom Crioulo**. São Paulo: Todavia, 2019. p. 38.

Em situação oposta, presentifica-se o escravo demônio, tornado fera por força da própria escravidão, e que aparece, por exemplo, num romance pouco divulgado do mesmo Joaquim Manuel de Macedo, que tem por título *As vítimas-algozes* (1873 e 1896), e no ainda menos conhecido romance de José do Patrocínio denominado *Mota Coqueiro* (1877); destaca-se também em *O rei negro* (1914) romance de Coelho Neto, e em *A família Medeiros* (1892), de Júlia Lopes de Almeida.³³

Caminha, ao tempo que entoa uma voz progressista em sua narrativa em relação à questão racial, concomitantemente recobre *Amaro*, o personagem principal do livro, com um olhar carregado de estereótipos, recorrendo frequentemente, na descrição que faz do marinheiro, à imagem estereotipada do “escravo demônio”, forte, *viril*, animalesco e “rudo como um selvagem”,³⁴ reproduzido por outros escritores. Essa imagem do personagem *Amaro* sob a condição de “negro animalesco” e “bruto”, está presente desde as primeiras páginas do livro.

No começo do romance, *Amaro* é castigado com a medida disciplinar da chibatada:³⁵ “entretanto, já iam cinquenta chibatadas! Ninguém lhe ouvira um gemido, nem percebera uma contorção, um gesto qualquer de dor”.³⁶ Essa indiferença de *Amaro* perante o castigo o brutaliza e reforça a imagem de “escravo demônio” vinculado ao personagem. Da mesma forma, pode ser entendido como um gesto de heroísmo: o protagonista enfrenta toda a dor de sua jornada para conquistar o seu amado. Com esse olhar paradoxal, Caminha construiu uma narrativa que, sob certos aspectos, mostra-se sensível aos direitos da população negra, mas que, na fronteira com o debate sobre a sexualidade e a questão de gênero, reproduz a visão de mundo de um indivíduo fortemente preso a princípios escravocratas, heteronormativos e masculinizadores.

Em alguns momentos da trama, a imagem negativa de *Amaro* de “escravo demônio” se amplia, pois “da condição de fera à perversão o caminho é curto. E o negro pervertido ganha a cena no excelente romance *Bom Crioulo* (1885), de Adolfo Caminha, uma história de

³³ FILHO, Domício Proença. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados*, [São Paulo] v. 18, n. 50, p. 161-193, abr. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000100017>. Acesso em: 17 jun. 2024. p. 165.

³⁴ CAMINHA, Adolfo. *Bom Crioulo*. São Paulo: Todavia, 2019. p. 38.

³⁵ No contexto, *Amaro* tinha agredido um outro homem por ter insultado *Aleixo*.

³⁶ *Op. cit.* p. 35.

homossexualismo, corajosíssima, para aquele momento”.³⁷ Enquanto “negro pervertido”, *Amaro* figura na narrativa como o causador do “declínio moral” do inocente *Aleixo*, “corrompido” pelos desejos de *Bom Crioulo*.

Em uma época em que a ideologia do darwinismo social estava fortemente assentada no imaginário da sociedade, ainda era forte a crença na existência de raça “superior” e raça “inferior”. Esta última era vista como a tributária decisiva da degeneração do meio físico, intelectual e moral da sociedade. De acordo com essa ideologia, aos indivíduos de raça inferior estavam associados fenômenos sociais como alienação, alcoolismo, doenças, criminalidade e homossexualidade. Enfim, situações sociais que no Brasil do final do século XIX foram associados à população negra e mestiça, com a justificativa de que doenças, como sífilis e tuberculose, teriam suas origens no continente africano e a hipótese racial de que o atraso do desenvolvimento brasileiro seria causado pelo cruzamento e “miscigenação” das culturas e etnias presentes no Brasil.³⁸

Na análise do livro de Caminha, percebe-se que esse olhar darwinista se faz presente na representação literária do personagem *Amaro*. Entre os aspectos tratados na obra que transparecem o apego à ideia de “superioridade racial”, presentes na construção da personalidade de *Amaro*, estão o alcoolismo, a criminalidade – ao cometer um “crime passionnal” no final do livro³⁹ – e a homossexualidade, apesar de sua condição “viril”.

No romance de Caminha, o personagem *Amaro*, antes de se envolver com *Aleixo*, tinha repulsa pela relação homossexual: “alguma cousa dentro de si revoltava-se contra semelhante imoralidade que outros de categoria superior praticavam quase todas as noites ali mesmo sobre o convés”.⁴⁰ Nesse momento, *Amaro* está em conflito consigo mesmo, pois ele sabe que a relação entre dois homens é tratada como algo criminoso, de modo que, em dado momentos da narrativa, quando ia ser castigado por embriaguez, o superior de “Bom Crioulo” conclui:

³⁷ FILHO, Domício Proença. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos Avançados**, [São Paulo] v. 18, n. 50, p. 161-193, abr. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000100017>. Acesso em: 17 jun. 2024. p. 165.

³⁸ CAMPOS, Samanta Rodrigues de; ANGELI, Gustavo. A “Boa” sexualidade em Bom-Crioulo: considerações psicanalíticas sobre a intersecção raça e gênero. **Revista Científica Sophia**, Balneário Camboriú (SC), v. X[10?], n. 1, p. 229-238, dez. 2020. Disponível em: <https://ojs.avantis.edu.br/index.php/sophia/article/view/33/16>. Acesso em: 14 nov. 2024. p. 113.

³⁹ Na situação, *Amaro* mata *Aleixo* ao descobrir a infidelidade do jovem grumete, que o trai com *Dona Carolina*.

⁴⁰ CAMINHA, Adolfo. **Bom Crioulo**. São Paulo: Todavia, 2019. p. 49.

“— Não se iluda a guarnição deste navio! Perorou o comandante. Desobediência, embriaguez e pederastia são crimes de primeira ordem.”.⁴¹

Nesse universo de ambiguidades, um aspecto importante presente na narrativa é o que envolve justamente o lado sentimental do protagonista. Ao refletir sobre alguns dramas da intimidade masculina, em termos de paixão, é comum que o homem sinta nela um pensamento binário entre afeto e inimizade. De modo semelhante, o homem oscilaria entre momentos de felicidade e angústia.⁴² No texto de Caminha, a paixão de *Amaro* também é elaborada sob essa atmosfera binária: entre momentos de completo êxtase, ao estar junto de *Aleixo*, e de situações de angústia e ódio, em momentos de distanciamento de seu amado e da revelação da traição.

Algo semelhante parece acontecer com as imagens criadas no romance acerca do homem negro como um ser instintivo e violento. Em nossa apreciação, esse apelo retórico está relacionado tanto às representações sobre os indivíduos negros na sociedade, especialmente das mulheres (vistas como “promíscuas”), quanto à ideia de que os homens negros “estariam” interessados nas mulheres brancas apenas como objetos sexuais. Essas representações sempre estiveram presentes no nosso imaginário social. Sob esse olhar distorcido, tanto os homens negros quanto as mulheres negras estariam presos a um jogo de estereótipos e representações, que cria uma racionalização sexual e uma sexualização do racional.⁴³

Esse olhar estereotipado está presente também na figura de *Amaro*. Na narrativa, ele surge como alguém que nunca se interessou por nenhuma pessoa de qualquer gênero. Mas, ao conhecer o personagem *Aleixo*, ele fatalmente cederia a certos “impulsos”, como o de desejar o corpo branco (no caso, um homem branco com semblante feminino).

No entrecruzamento das questões de gênero e raça, na representação ficcional do personagem *Amaro*, Caminha expressa as ambiguidades de um indivíduo paradoxal. Em

⁴¹ *Op. cit.* p. 108.

⁴² NOLASCO, Sócrates Alvares. A intimidade masculina. In: _____. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. Cap. V, p. 98-128. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/o-mito-da-masculinidade-socrates-nolasco-4-pdf-free.html>. Acesso em: 1 fev. 2025. p. 113.

⁴³ CONRADO, Mônica; RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 73-97, jan.-abr. de 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/vsHz8PqZKCnyFcV8CNO7Cfv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2024. p. 88.

alguns momentos do texto, o autor assume um evidente apelo crítico em favor da situação de negros e ex-escravizados, dando protagonismo a um representante desse contingente social e destaque para os dilemas vivenciados por ele. No entanto, quando a perspectiva racial se cruza principalmente com a de gênero, a escrita do autor aparece impregnada das marcas do seu contexto histórico, reforçando, direta e indiretamente, estereótipos acerca do masculino e do feminino, do humano e do inumano. Ou seja, Caminha ainda carrega em seu olhar preconceitos de uma época marcada por uma lógica moral que demoniza o corpo e o comportamento de indivíduos “desviados”, sobretudo negros.

Considerações finais

O livro *Bom Crioulo* à medida que se materializa como uma legítima expressão de denúncia contra o preconceito racial, igualmente corporifica a dimensão contraditória ou paradoxal da crítica social que Adolfo Caminha faz por meio do romance. Ao intercruciar questões de ordem social, racial e de gênero na sua escrita literária, Caminha traduz a complexidade do entrecruzamento desses fatores no contexto social do final do século XIX, o que abre importante janela de acesso para melhor compreensão de aspectos controversos da sociedade do período.

Paralelamente, a análise das representações da homossexualidade presentes na narrativa do autor ajuda a entender melhor também a singularidade do romance no universo literário brasileiro. Singularidade que está situada na zona de fronteira que interconecta os campos da História e da Literatura, onde as tensões políticas e o imaginário intelectual de uma dada época se corporificam com intensidade. É nessa zona de fronteira que acreditamos ser possível compreender igualmente a maneira como a ficção de Caminha ecoa também nas aspirações políticas e estético-literárias da atualidade.

Referências

Fontes

CAMINHA, Adolfo. **Bom Crioulo**. São Paulo: Todavia, 2019.

GUIMARÃES, A. M. Semana Literaria. **A Notícia**, Rio de Janeiro, 20/21 de nov. de [1895]. Ano. II, N. 293, p. 2. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=830380&pagfis=899>. Acesso em: 30 jun. 2024.

Bibliografia

ALÓS, Anselmo Peres. **Leituras a contrapelo da narrativa brasileira**: redes intertextuais de gênero, raça e sexualidade. Santa Maria: PPGL-Editores; [Brasília]: CNPq, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/19095/Leituras%20a%20contrapelo%20da%20narrativa%20brasileira%20redes%20intertextuais%20de%20g%C3%aanero%20ra%C3%a7a%20e%20sexualidade?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 nov. 2023.

CAMPOS, Samanta Rodrigues de; ANGELI, Gustavo. A “Boa” sexualidade em Bom-Crioulo: considerações psicanalíticas sobre a intersecção raça e gênero. **Revista Científica Sophia**, Balneário Camboriú (SC), v. X[10?], n. 1, p. 229-238, dez. 2020. Disponível em: <https://ojs.avantis.edu.br/index.php/sophia/article/view/33/16>. Acesso em: 14 nov. 2024.

CASTRO, Mably Lopes de. Um breve Histórico da literatura homoerótica no Brasil. In: **XII Jogo do Livro e II Seminário Internacional Latino-Americano**. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. [Minas Gerais]: Palavras em deriva, 08, 09, 10 de nov. de 2017. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/files/uploads/xii%20jogo%20do%20livro/ANAIS%20parte%201/UM%20BREVE%20HIST%C3%93RICO%20DA%20LITERATURA%20HOMOER%C3%93TICA%20NO%20BRASIL.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2023.

CONRADO, Mônica; RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 73-97, jan.-abr. de 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/vsHz8PqZKCNyFcV8CNQ7Cfv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2024.

FARIA, Maráisa. A passos macios e cautelosos, as mãos enluvadas: a primeira recepção de Bom-Crioulo (1895), de Adolfo Caminha. **Soletras**, [Rio de Janeiro], n. 30, p. 72-89, jul.-dez. de 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/soletras.2015.19166>. Acesso em: 30 jun. 2024.

FILHO, Domício Proença. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos Avançados**, [São Paulo] v. 18, n. 50, p. 161-193, abr. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000100017>. Acesso em: 17 jun. 2024.

GREEN, James N. Introdução. In: CAMINHA, Adolfo. **Bom Crioulo**. 1 ed., São Paulo: Todavia, 2019.

LIMA, Vinicius Barbosa. Assim na terra como no mar: as relações raciais ilustradas no Bom Crioulo de Adolfo Caminha (1895). **Temporalidades – Revista de História**, [Belo Horizonte], ed. 31, v. 11, n. 3, p. 255-271, set-dez de 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/14857>. Acesso em: 29 set. 2024.

MENDES, Leonardo. O naturalismo na livraria do século XIX. **Revista Letras**, Curitiba, n. 100, p. 71-90, jul.-dez. de 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/68846>. Acesso em: 27 set. 2024.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. “Sou escravo de oficiais da Marinha”: a grande revolta da marujada negra por direitos no período pós-abolição (Rio de Janeiro, 1880-1910). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 36, n. 72, p. 151-172, 2016. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472016v36n72_009. Acesso em: 22 jan. 2024.

NOLASCO, Sócrates Alvares. A intimidade masculina. In: _____. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. Cap. V, p. 98-128. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/o-mito-da-masculinidade-socrates-nolasco-4-pdf-free.html>. Acesso em: 1 fev. 2025.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3 ed. [s.l.]: Autêntica editora, 2013. Disponível em: <https://a.co/d/5d4XQlc>. Acesso em: 22 out. 2023.

RIBEIRO, Djamila. Todo mundo tem lugar de fala. In: _____. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017. p. 81-90. Disponível em: https://elasexistem.wordpress.com/wp-content/uploads/2020/07/djamila-ribeiro_o-que-c3a9-lugar-de-fala-4.pdf. Acesso em: 25 jan. 2025.

SILVA, Sergio Gomes da. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. **Psicologia: Ciência E Profissão**, v. 20, n. 3, set. 2000, p. 8–15. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932000000300003>. Acesso em: 1 out. 2024.

TV Assembleia – Ceará. **PERFIL** | Adolfo Caminha por Sânzio de Azevedo. [Fortaleza]: TV Assembleia – Ceará, 2017. 1 vídeo (22min59seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=10VAatp4v8c>. Acesso em: 30 jun. 2024.